

A HISTÓRIA DE CAMPINAS EM TRABALHO DE CLASSE

Odilon Nogueira de Matos

Quando, em tempos que já vão bem longe, ingressei na então novel Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo a fim de cursar a seção de Geografia e História (na época, um mesmo curso), mais que o próprio magistério, interessava-me a pesquisa histórica, campo em que mestre Afonso de Tournay me iniciara no Museu Paulista, de que ele era diretor. Na Universidade, em decorrência dos trabalhos de classe que então eram exigidos desde o primeiro ano, encontrei o estímulo necessário por parte de Pierre Monbeig e Fernand Braudel, responsáveis pelos cursos de Geografia e História, respectivamente. Por sugestão daquele, realizei meu primeiro trabalho de pesquisa geográfica, estudando, por motivos meramente circunstanciais, a cidade de Jaboticabal.¹ Por influência de Braudel, realizei minhas primeiras pesquisas sobre o passado de Campinas. Procurei dar-lhes o necessário embasamento documental para a elaboração do trabalho que Braudel considerou "très bon", com sólida documentação e que manifestava "les dons réels pour la recherche et la discussion historique que un étudiant possède rarement à un tel degré". E reencontrei seu julgamento sugerindo que talvez eu pudesse cuidar um pouco mais da "vie collective de la ville naissante". Sim, da cidade em formação, pois minha pesquisa centralizara-se no primeiro quarto de século de Campinas, da criação da freguesia à criação da vila.

Desenvolvido e acrescido de novos capítulos, o trabalho então apresentado a Braudel foi publicado em diversos números do "Diário do Povo", em 1937 e 1938, por gentileza do prezado amigo Mário Erbolato, que então se iniciava na vida de imprensa. Reunido em fascículo, veio a constituir o primeiro título de minha modesta bibliografia.² Mas a "vie collective de la ville naissante", reclamada pelo grande mestre, ficou para as calendas. Minha vida tomou rumos diferentes, acabei me ausentando de Campinas por mais de vinte anos e outros apareceram a fazer o que eu gostaria de ter feito. E assim, minha incursão pela historiografia campineira foi apenas um momento fugaz de que me recorro com saudade, pois marcou muito minha vida.

Hoje, que Fernand Braudel se tornou o "papa" da historiografia francesa e, ao alcançar seus 82 anos, ingressa na mais famosa Academia do mundo (a "Académie Française"), é com verdadeira emoção que lembro que um dia fui seu aluno e que lhe devo o estímulo para o meu primeiro trabalho de pesquisa histórica, apreciado de maneira tão simpática e estimulante para aquele jovem de apenas vinte anos, que um dia teve a pretensão de também "fazer História". O nome o grande mestre ocorre-me à lembrança quando rememoro esta importante fase de minha vida. (**Correio Popular**, Campinas, 29-8-1984.)

(1) Este trabalho sobre Jaboticabal foi, ainda por sugestão de P. Monbeig, apresentado ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, em Florianópolis (setembro de 1940) e, pouco depois, publicado nos respectivos anais (vol. III, Rio de Janeiro, 1944); antes, porém, fora publicado na "Revista do Arquivo Municipal", vol. 83, São Paulo, 1942. Mereceu, assim, duas publicações o modesto estudo sobre Jaboticabal, que, mais de quarenta anos depois, continua sendo o único estudo geográfico elaborado sobre a importante cidade paulista.

(2) Boa parte do que então escrevi foi aproveitada para os primeiros capítulos deste livrinho.

DOAÇÃO

RECEBIDO: 04/09/85

ideal necessário”, entre os ibero-americanos e europeus, como vínculo tradicional”¹⁵.

Acreditava que **A Ilusão Americana** de Eduardo Prado¹⁶, era um dos veículos responsáveis pela aversão, em especial dos brasileiros, contra o Monroísmo como política continental, demonstrando o conhecimento imperfeito e unilateral que tinham da proposta, ao lado da atuação negativa da Igreja Romana, que parecia desconhecer todos os objetivos e trabalho das Associações Cristãs de Moços na América Latina. Daí sua proposta de um reestudo dos movimentos da Reforma e da Contra-Reforma, independentemente de “credos” ou concepções político-econômicas, a fim de que a cooperação ampla e irrestrita, pelo próprio espírito de liberdade e democracia que era característico em solo americano, se tornasse uma realidade.

E, por todo seu trabalho, dividido em três “Secções”, a saber:

“Secção Primeira – Antecedentes do Congresso de Acção Christã na America Latina;

Secção Segunda – O Congresso de Acção Christã na América Latina;

Secção Terceira – Interpretação e Crítica do Congresso”,

teremos a oportunidade de uma ampla análise, uma vez que Erasmo Braga, além da descrição do Congresso, fez a análise dos acontecimentos lá decorridos e de seus resultados imediatos e remotos, o que certamente será de valia para o atual estágio de nossa Historiografia.

III – Conclusão

Nesta problemática pan-americanista brasileira torna-se, pois, mister uma perfeita compreensão da conotação “monroísmo x pan-americanismo”, a fim de que muitos dos aspectos, não só políticos, e bem assim econômico-sociais não sejam vistos apenas com otimismo, mas, discernindo-se o que é estrutural do que é conjuntural, no verdadeiro comprometimento da História com a Ciência. E, as “Fontes Campineiras” ora apresentadas, parecem-nos ser, pelo fato de ainda inexploradas, de grande significação, muito embora caiba ao historiador descontar-lhes os excessos e as versões tendentes que, por vezes aparecem, a evidenciar, obviamente, a autenticidade da causa que defendiam.

* * *

(15) Braga, Erasmo, Op. cit., p. 13.

(16) Braga, Erasmo, Op. cit., p. 18/19.